



No amor não existem
acidentes.

A CONDESSA
Acidental

Valerie Bowman

TOP
SEL
LER

«Um romance divertido e inteligente.»

USA Today

Para a minha irmã e o meu cunhado, Sandra Morgan e Matt Morgan,
as duas únicas pessoas que conheço que gostam de cães tanto
quanto eu e que estão, na verdade, a viver «felizes para sempre».

Amo-vos.

CAPÍTULO UM



Londres, início de outubro, 1815

— Como se pode ir a uma festa na casa de campo de uma pessoa que não existe?

Cassandra Monroe estava sentada na sala de estar da sua prima Penelope, bebendo chá, e olhava fixamente para a mulher ligeiramente mais velha, que havia claramente perdido o juízo. Cass pôs a chávena de lado e esfregou as têmporas. A dor de cabeça que começara há poucos minutos estava lentamente a tornar-se uma enxaqueca a sério.

Lucy Hunt, a recém-casada Duquesa de Claringdon e melhor amiga de Cass, estava sentada a seu lado, igualmente aguardando com expectativa a resposta de Penelope. Aquela história não fazia qualquer sentido. Nenhuma das duas estava a ter grande sorte a conseguir que Pen lhes respondesse às perguntas sobre a sua esquiva amiga Patience.

— Vá. Diz-nos lá outra vez *quem* é afinal a Patience — pediu Lucy.

Penelope levou outro pedaço de bolo à boca e, com vagar, limpou os dedos um a um ao guardanapo. Revirou os olhos.

— É precisamente isso que tenho estado a tentar dizer. — A voz de Penelope adquiriu um tom acossado, como se estivesse a falar com um par de imbecis. — Ela não existe.

Lucy tamborilou os dedos na face.

— Pois, foi o que achei que tinhas dito, querida. E é por isso que achamos que não faz qualquer sentido.

Cass anuiu com a cabeça e voltou a olhar para Pen, à procura de outra resposta. Ainda bem que Lucy ali estava. Pen deixava muitas

vezes Cass completamente baralhada, fazendo-a questionar-se se seria ela que estaria louca, não obstante este caso particular. Lucy, com a sua maneira de ser incisiva, haveria de chegar ao fundo da questão rapidamente.

Pen encolheu os ombros e puxou o corpete castanho-avermelhado com ambas as mãos.

— Inventei a Patience como desculpa.

Cass inclinou a cabeça para o lado e fitou a prima atentamente.

— Mas não me disseste, ainda na semana passada, que tu e a Patience tinham ido às compras na Bond Street?

— Exatamente! — respondeu Pen.

— Exatamente o quê, querida?

O sobrolho de Lucy permanecia franzido, enquanto deitava um olhar a Cass, indicando que finalmente compreendia o que esta queria dizer quando afirmara, ao longo de todos estes anos, que Pen tinha um parafuso a menos.

Pen levantou-se e dirigiu-se até à grande janela saliente que dava para a rua. Passou um dedo pelo vidro.

— É simples. Inventei a Patience Bunbury para conseguir escapar a fazer coisas que não quero fazer.

Cass semicerrou os olhos para a prima.

— Escapar a coisas que não queres fazer...? Estás, então, a dizer que não querias ir ao teatro comigo?

Pen assentiu com a cabeça.

— Exatamente.

— Inventaste a Patience e disseste-me que já tinhas planos com ela? — continuou Cass.

— Precisamente — anuiu Pen, com um sorriso estampado no rosto redondo. — Em rigor, não inventei a Patience para me livrar de ir ao teatro contigo. Inventei-a no verão passado. Mas invoquei-a quando me convidaste para ir ao teatro. É por isso que gosto tanto da Patience. É a desculpa perfeita para tudo!

Cass franziu o sobrolho à prima. A dor de cabeça estava cada vez pior.

— Porque é que nos estás a contar isso agora?

— Estou a contar-vos porque preciso da vossa ajuda — respondeu Pen com simplicidade.

Cass inclinou a cabeça.

— Precisas de ajuda com a Patience?

— Não. Bem, sim. Mais ou menos — respondeu Pen.

— Desculpa, mas não estou a perceber nada, querida — disse Lucy.

Cass mordeu o lábio para evitar um sorriso. Lucy começara a chamar querida a toda a gente, agora que era uma senhora casada. Cass achava-o adorável.

Pen virou-se para elas e bateu com o pé no chão.

— Pedi-vos que viessem cá hoje porque preciso da vossa ajuda com o Capitão Swift. Estou à espera de que ele chegue a qualquer momento.

Cass inspirou subitamente. *O Capitão Swift? Julian? A chegar a qualquer momento?* Alisou o cabelo, endireitou-se mais um pouco e compôs as luvas.

O Capitão Swift era o homem de quem Penelope estava praticamente noiva. Era também o cavalheiro mais perfeito, elegante e maravilhoso do mundo, e Penelope nem sequer o queria. Julian havia sido gravemente ferido na Batalha de Waterloo e passara os últimos três meses e meio em convalescença. Quase morrera e Cass ora rezava por ele ora lhe escrevia. Já Pen parecia não se importar muito com ele. Cass sabia que a chegada de Julian do Continente estava iminente. Só não esperava que fosse naquele dia. Engoliu em seco.

Sem olhar para ela, Lucy colocou discretamente a sua mão sobre a de Cass e apertou-lha.

— Acho que ela não quis dizer que o Capitão Swift vai chegar *agora*, querida — sussurrou-lhe.

Cass deixou os ombros relaxarem um pouco. Lucy sabia o quanto Julian significava para ela. Sempre o soubera.

Não que Cass tivesse qualquer intenção de roubar o prometido da prima, isso nunca. Tal seria abominável. Só o queria ver. Só uma vez, para ter a certeza de que ele estava, de facto, vivo e de boa saúde. E depois... esquecê-lo-ia. Desejar-lhes-ia sorte, a ele e a Pen, nas suas núpcias e faria os possíveis para deixar de pensar nele. Não seria assim *tão* fácil, bem o sabia. Talvez entrasse para um convento. Escapou-se-lhe um suspiro dos lábios.

Pen abanou a cabeça para Lucy.

— Não, estás enganada. É exatamente isso que quero dizer. Ele deve estar a chegar a qualquer momento, literalmente.

Cass levou a mão à garganta.

— Não consigo respirar.

Lucy virou-se de lado, dando palmadinhas no joelho de Cass, por cima das saias.

— Vai correr tudo bem, querida. — Apontou um dedo na direção de Pen. — Espera lá. Estás a dizer que chamaste aqui a tua prima no dia em que esperas que o Capitão Swift chegue para lhe dizer algo sobre uma amiga tua que não existe?

Pen acenou afirmativamente com a cabeça, os seus fartos caracóis a baloiçar para cima e para baixo contra as suas faces roliças.

— Sim.

Cass ainda estava com dificuldade em respirar. Julian vinha aí? Era esperado a qualquer momento? A sua mente não conseguia processar a informação. Há tanto tempo que esperava por isto, que o imaginava, que sonhava com aquele momento. Porém, agora que estava prestes a acontecer, sentia-se em pânico. Se fosse do tipo de desmaiar, já se teria seguramente apagado. Graças a Deus pelos pequenos favores; pelo menos não era de desmaiar.

O olhar caiu-lhe sobre a roupa que trazia vestida. Porque escolhera aquele banal vestido azul-claro? Parecera-lhe bonito quando optou por ele de manhã, mas agora parecia-lhe perfeitamente desinteressante.

A mão voou-lhe para o cabelo. Porque deixara a criada penteá-la de maneira tão simples, com uma fita banal à volta da cabeça? Não era assim que queria que Julian a visse. Oh, estava tudo mal. Estava tudo absolutamente mal.

— Respira fundo, querida — sussurrou-lhe Lucy, a seu lado.

Foi exatamente o que Cass fez. Sentia-se zozza. Era sinal de desmaio iminente, não era? Oh, céus! Afinal talvez fosse do tipo de desmaiar. Qualquer pessoa poderia adquirir a tendência para desmaiar dadas determinadas circunstâncias, não poderia? A mente agitava-se-lhe desenfreadamente. As palmas das mãos estavam suadas, tal como as axilas. Perfeito! Ia ver Julian pela primeira vez em sete anos a cheirar como um animal de curral. Cheirou a manga do vestido.

— Não achas, querida? — perguntou Lucy, virando-se para ela. Cass ficou paralisada.

— D... desculpa?

Não tinha ouvido nada do que as duas tinham dito. Mordeu o lábio inferior.

— Estava a dizer à tua prima que te deve uma explicação acerca disto tudo.

Pen plantou as mãos pesadamente nas ancas.

— É isso que tenho estado a tentar fazer.

— Então, desembucha, querida, e tenta ser um pouco mais clara desta vez — retorquiu Lucy.

Pen respirou fundo.

— Cass, o Capitão Swift está prestes a chegar e eu queria que o cumprimentasses e lhe falasses da Patience.

Cass pestanejou para a prima. Agora tinha a certeza absoluta de que estava prestes a ter um ataque de histeria. Porque é que Pen estava com aquela conversa ininteligível acerca de uma jovem que não existia quando Julian podia entrar ali a qualquer instante?

— O que tem a Patience?! — quase gritou Cass. Levou imediatamente a mão à boca perante a impertinência que havia demonstrado. — Quer dizer... O que tem a Patience que ver com o Juli... o Capitão Swift?

Ambas as senhoras ergueram as sobrancelhas. Lucy preencheu rapidamente o silêncio.

— Precisamente a pergunta que eu ia fazer.

Voltou a atenção novamente para Pen.

Pen deitou-lhes outro olhar como que a dizer: «Estou a falar com imbecis.»

— Escrevi ao Capitão Swift. Disse-lhe que vou estar fora da cidade durante os próximos 15 dias, de visita à minha amiga Patience, que vai dar uma festa na sua casa de campo.

— Vais sair da cidade? Sabendo que o Capitão Swift vem aí?

— A voz de Cass era alta e esganiçada. Abanou a cabeça. Era oficial, toda esta história fora inventada por uma louca.

Pen suspirou longa e profundamente. Cruzou os braços e pôs-se a andar de um lado para o outro em frente da janela.

— Não, não vou *mesmo* sair. Bem, a dada altura hei de ir, mas a questão é que o Capitão Swift vai chegar mais cedo do que eu pensava. A carta dele chegou no correio esta manhã. Ele vem na próxima carruagem. Parece que não havia espaço suficiente na última, por isso enviou a carta.

Lucy revirou os olhos.

— Pen, querida, continuo a não entender o que queres dizer ao certo. Cass torceu as mãos.

— Sim, Pen, o que queres dizer com isso?

Pen caminhou com passos firmes até onde elas estavam sentadas e deixou-se cair pesadamente na sua cadeira, a bufar.

— Estou a dizer que preciso de uma boa desculpa para não me encontrar com o Capitão Swift quando ele chegar.

— E uma festa é uma boa desculpa? — perguntou Lucy, devolvendo a Pen o olhar de estou-a-falar-com-uma-imbecil.

Pen agitou uma mão no ar.

— Disse-lhe que já tinha um compromisso. Além disso, a minha querida Patience precisa de mim. Foi recentemente abandonada pelo Sr. Albus Albatross, no verão, e esta festa é exatamente aquilo de que precisa para levantar o ânimo.

— O quê? Quem é o Sr. Albus Albatross? — Cass voltou a esfregar as têmporas. A dor de cabeça não havia diminuído com todo aquele disparate.

Lucy pigarreou.

— Acho que o Sr. Albatross não existe, querida, porque a Patience não existe.

Cass cerrou os punhos sobre os joelhos. Nunca se enfurecia. Nunca. Por vezes, sentia-se frustrada ou infeliz, ou até arrelviada. Mas enfurecer-se? Não. A fúria não era coisa que jovens senhoras decentes mostrassem, e Cass era, definitivamente, decente. Contudo, ao olhar fixamente para Pen — que continuava a não fazer qualquer sentido — a raiva, incandescente, percorreu-lhe as veias. Pen estava a brincar com Julian, e ele não o merecia.

— Pen, juro que, se não explicares já o que queres exatamente, vou sair por aquela porta e nunca mais te dirijo a palavra! — explodiu, espetando o dedo em direção à rua.

Lucy e Pen trocaram olhares de surpresa.

— Cass, acho que nunca te ouvi levantar a voz — observou Lucy.

Cass estava a tremer com os punhos ainda cerrados. Fulminou Pen com o olhar.

— O que continuo sem compreender é porquê. Por que razão não queres ver o homem com quem te vais casar?

Pen teve a elegância de inclinar um pouco a cabeça e encolheu os ombros. Depois, ajeitou a parte de cima do vestido com a mão.

— Eu simplesmente... Não posso. Foi tão difícil quando pensava que ele estava a morrer... E agora. Oh, não sei. Preciso de tempo para pensar nas coisas.

— Que coisas? — instigou Cass. Cruzou os braços sobre o peito e olhou sobranceiramente para a prima.

— Tu sabes. Ele vai querer planejar o casamento e escolher a data e eu... simplesmente não estou preparada.

Cass apertou os lábios. Ah, pois. Porque haveria de estar preparada? Só tinha tido *sete anos* para se preparar. E toda esta farsa era tão típica de Pen. Estava sempre a pedir a Cass que lhe fizesse favores bizarros — nada tão bizarro quanto isto, é certo, mas mesmo assim não devia ter ficado surpreendida. E Cass, como boa e decente jovem dama e prima e amiga inabalável, havia assentido sempre, fazendo sempre o que a prima lhe pedia. Porém, hoje não. Não com Julian. Não podia. Não queria.

Lucy mexeu-se no lugar e bebeu um gole de chá.

— Então, estás a dizer que, para escapar ao teu prometido, que acaba de regressar da guerra e que não vês há sete anos, inventaste uma amiga a cuja festa fictícia supostamente vais até achares que chegou a altura de voltares e o veres?

Pen sorriu satisfeita e assentiu com a cabeça.

— É exatamente isso.

— E o que acha a tua mãe disso? — quis Lucy saber.

— Oh, a mamã não sabe. Escondi as cartas do Capitão Swift e, felizmente, ela e o papá estão fora hoje à tarde. — Virou-se para a prima. — É por isso que preciso de ti, Cass. O Julian conhece-te. Gosta de ti. Escreveste-lhe todos estes anos, não escreveste? São amigos, não são?

Cass assentiu com a cabeça. Não conseguia olhar a prima nos olhos. *Sim. Somos amigos, mas gostaria de ser muito mais do que isso.* Oh, era a pior prima do mundo, a pior de todas. Pen pô-la-ia na rua se soubesse o quanto Cass lhe cobiçava o futuro noivo. Ou, pelo menos, não lhe pediria certamente que lhe fizesse este favor estapafúrdio.

Lucy pôs a chávena de lado e limpou os lábios delicadamente com o lenço.

— Tenho mais uma pergunta.

Pen acenou impacientemente com a cabeça.

— Diz.

— Enlouqueceste completamente? — perguntou Lucy com um olhar sereno. — Ou só parcialmente, querida?

Cass teve de virar a cabeça subitamente para que a prima não a visse sorrir.

Pen pestanejou para Lucy.

— Não sei o que queres dizer. — Pen pôs-se novamente de pé, dirigindo-se outra vez para a janela, com a chávena de chá na mão. Olhou lá para fora. — Só preciso de...

A chávena caiu ao chão com um baque, vertendo o conteúdo na dispendiosa carpete Aubusson.

— Oh, meu Deus! Ele chegou. — disse Pen.

Toda a raiva se dissipou do corpo de Cass, substituída por pura ansiedade gelada. Apertou a barriga com a mão.

— Acho que vou vomitar.

Lucy apertou a mão de Cass e levantou a voz ao dirigir-se a Pen.

— Quem é que chegou?

Pen deu meia-volta e virou-se para elas, com uma expressão de pânico nos olhos azuis.

— O Capitão Swift! Está aqui! Agora! — Correu para a porta da sala de estar e abriu-a antes de se voltar para as duas amigas. — Cass. Cass, por favor! — implorou. — Tens de fazer isto por mim. Tens de dizer ao Capitão Swift que fui visitar a Patience, que vive na província. Por favor!

Os dentes de Cass batiam. Abanou a cabeça. Não conseguia fazê-lo. Não podia.

— Mas não o vejo há sete anos, Pen. Era criança quando nos vimos a última vez. E além disso...

— Por favor! — quase guinchou Pen. — Tenho de ir. Vou pelas escadas das traseiras para ele não me ver. Cass, por favor, faz isto por mim. Por favor! — E, com isto, Pen desapareceu da sala varrendo o chão com as saias castanho-avermelhadas.

Cass ficou sentada a olhar, em silêncio, para a chávena de chá vazia caída na tapete. Pestanejou, revendo mentalmente os últimos momentos uma e outra vez. Um toro estalou na lareira. O cheiro a madeira queimada encheu a sala.

— Isto não pode estar a acontecer. Simplesmente não pode — murmurou.

Lucy respirou fundo e passou as mãos pelas pernas abaixo, alisando as saias.

— Parece que está a acontecer — disse instantes antes de o mordomo de Pen chegar à porta da sala de estar.

— O Capitão Julian Swift — anunciou.

— Mande-o entrar, por favor — respondeu Lucy com autoridade, como se fosse a senhora da casa. Voltou-se rapidamente para Cass e agarrou-a pelos ombros. — Cass, olha para mim.

Cass conseguiu fixar a amiga nos olhos. A dor de cabeça fora substituída por uma estranha sensação de zunido e por uma impressão de atordoamento. Agarrou no cetim suave das mangas de Lucy.

— Parece que apanhaste um susto de morte. — Lucy apertou-lhe os ombros e deu-lhe um abanão encorajador.

— Estou *mesmo* assustada de morte. Oh, Lucy! O que vou dizer? O que vou fazer?

Analisou a cara de Lucy. Lucy era sempre tão sensata, sempre racional, sempre tão hábil com as palavras. Lucy havia de saber o que fazer. Certo?

Lucy acenou com a cabeça, de olhar determinado.

— Não te preocupes, Cass. Eu trato disto. Deixa que eu falo. Já tenho uma ideia.

CAPÍTULO DOIS



Cass já ouvira falar de pessoas que eram acometidas por ataques de respiração irregular. Até já o havia presenciado uma vez ou duas, no meio da multidão. Uma noite Lady Sarah Markingham desfalecera delicadamente sobre o chão de parquê no meio do salão de baile dos Thorntons, tendo sido levada por dois criados e seguida pela mãe, que declarou serem precisos saís de cheiro — e ela, por acaso, tinha um frasco dessas úteis pedrinhas na sua bolsa. Porém, Cass nunca pensou que uma coisa tão inesperada e dramática lhe acontecesse a *si*. Hoje ia ser, com certeza, a primeira vez. Via pontinhos a dançarem-lhe em frente dos olhos. A sala parecia estar a apertar-se à sua volta. Por um estranho momento, pensou que lhe cheirava a laranjas. Apoiou uma mão no braço do sofá.

Lucy dissera-lhe para deixar a conversa com ela. Claro que Cass tencionava deixar que fosse ela a fazer a conversa toda. Afinal, era esse o ponto forte de Lucy: falar. E uma tarefa que Cass ficava mais do que contente em delegar na amiga naquele momento. Tinha dúvidas de que fosse capaz de articular uma palavra sequer, nem que a picassem com um espeto em brasa.

Sim, Lucy iria falar. Como devia ser. De facto, Cass, Lucy e a terceira amiga íntima de ambas, Jane, tinham concordado, no baile de junho passado, que usariam os pontos fortes umas das outras para se entrelaçarem a obter o que queriam na vida. Primeiro, Lucy conseguira afastar o pretendente indesejado de Cass, o Duque de Claringdon. Aconteceu, no entanto, que, durante esse processo, ele se revelara, na verdade, o par perfeito para Lucy.

A seguir, tinham prometido ajudar Jane, a amiga intelectual, a convencer os pais a deixarem de a maçar para se casar. Jane só queria que a deixassem em paz para estudar e escrever, e que não a forçassem a ir a todos aqueles horríveis bailes e eventos elegantes.

Agora seria a vez de Jane, sim, mas ali estava Lucy, usando a sua habilidade com as palavras para ajudar novamente Cass num momento de necessidade, e Cass estava infinitamente grata à amiga. Enquanto o mordomo acompanhava Julian à sala de estar, Cass tirou a mão do braço do sofá e colocou-a no colo. Engoliu com dificuldade e endireitou os ombros. Depois, concentrou-se para não deslizar do sofá com um ataque de respiração irregular.

— Estás absolutamente deslumbrante, querida — disse Lucy com um pequeno sorriso de encorajamento. — O Capitão vai ficar surpreendido com a tua beleza.

— Estava a falar a sério quando disse que talvez vomite — comentou Cass.

— Não faças isso, querida — respondeu rapidamente Lucy.

Cass engoliu um pouco de ar e concordou tremulamente quando a porta da sala de estar se abriu novamente e o Capitão Julian Swift entrou a passos largos.

Um som estranho saiu da garganta de Cass. Um gemido? Um suspiro? Talvez um misto de ambos. Virou a cara para ele e... limitou-se a fitá-lo, com olhos, sem dúvida, do tamanho de pires.

Julian estava ali, não um sonho nem uma memória, mas o homem em carne e osso. Era ainda mais deslumbrante e bonito do que ela se lembrava. Cass tinha acabado de fazer 16 anos quando o vira pela última vez. Julian tinha 23. Agora era ela que tinha 23. Engoliu com dificuldade. Na verdade, era uma criança naquela altura. Não havia amadurecido depressa. Tinha, então, cabelo loiro desgrenhado, olhos azuis banais e sardas no nariz. Era também demasiado magra e tinha joelhos salientes. Esperava ser agora o cisne que as amigas sempre lhe diziam que haveria de ser. Contudo, neste momento, olhando para Julian, só se lembrava de si própria como uma miúda desajeitada. As amigas não dizem sempre umas às outras como são lindas, mesmo que isso seja absolutamente falso?

Ao olhar para Julian, ficou completamente sem palavras. O olhar dela varreu-o desde a ponta das botas até ao cimo da cabeça. Estava com o seu uniforme da tropa. Céus, como lhe ficava bem! Um casaco vermelho-escuro com dragonas, calças cinzento-escuras e botas pretas. Julian tinha quase um metro e noventa, cabelo loiro com madeixas, ombros largos e os mais espantosos olhos cinzentos que ela vira na vida.

Exibiu um sorriso assim que viu as duas mulheres sentadas no sofá. Cass suspirou outra vez. Os dentes dele não tinham sofrido nada com o serviço à Coroa; continuavam alinhados, brancos e perfeitos. E, embora tivesse algumas rugas ao canto dos olhos e parecesse um pouco mais velho e mais distinto, era seguramente tão bonito — ou mais — quanto Cass se lembrava, dos seus sonhos vívidos.

E estava mesmo ali à sua frente.

A expressão na cara dele revelava um misto de surpresa e de confusão. O olhar continuava preso em Cass. Mal tinha olhado para Lucy. Lucy olhava para um e para o outro, até que Cass se obrigou a desviar o olhar do de Julian e a focar a atenção na amiga. Os olhos de Lucy exibiam aquele brilho típico de quando estava a armar um dos seus esquemas. Porém, Cass não tinha tempo para considerar o que seria. Em vez disso, levantou-se para cumprimentar Julian. Será que ele a estaria a reconhecer? O olhar dele dizia-lhe que sim. Ou será que não?

— Ju... Julian? — sussurrou a custo.

A mão de Lucy no seu braço fê-la parar e Cass fechou prontamente a boca. Ah, pois, Lucy tinha-lhe dito para deixar que fosse ela a falar.

Lucy levantou-se também, fazendo uma vénia perfeita.

— Capitão Swift.

— Minha senhora? — disse Julian, num tom que indicava claramente não fazer ideia de quem ela era.

— Sou a Lady Worthing — disse Lucy.

Cass soltou um pequeno arquejo. Porque é que Lucy se tinha apresentado com um nome falso?

— Lady Worthing — repetiu Julian, curvando-se sobre a mão dela. — Um prazer.

Cass esperou, de respiração suspensa, ser apresentada. Julian devia saber quem ela era. Não conseguia olhar para ele. E se lhe descortinasse decepção nos olhos? Não o suportaria.

— E esta é...? — Lucy fez uma pausa, deliberadamente, com um gesto na direção de Cass.

Cass susteve novamente a respiração.

O silêncio pareceu durar uma eternidade, embora se tivesse tratado provavelmente de meros segundos. Cass ergueu o olhar para Julian. O nome dela ia desprender-se dos lábios dele a qualquer momento. Deveria fazer uma vénia? O que seria apropriado nestas circunstâncias? Este era o homem a quem escrevera quase todos os dias nos últimos sete anos. Sabia mais sobre ele do que Pen. Pensava nele, sonhava com ele, chorara lágrimas intermináveis quando pensara que ele ia morrer. E agora ali estava ele, novamente, de olhos postos nela. Já crescida.

A testa estava franzida e ele olhava para ela como se estivesse a ver um fantasma.

— Penelope? — perguntou numa voz meio de deslumbramento, meio de descrença.

A boca de Cass abriu-se. Ele não a reconheceu. E pelos vistos também não se lembrava de Pen. Pen tinha 18 anos da última vez que se haviam visto. Não mudara muito, à exceção de ter um pouco mais de cintura.

— Não — respondeu Cass, abanando a cabeça.

Lucy deu meia-volta e lançou um olhar fulminante a Cass.

— Permita-me — disse ela entredentes, num tom que pedia claramente a Cass que a deixasse falar.

Oh, valha-me Deus! O que quer que Lucy estivesse a tramar ia ser caótico e complicado. Era sempre.

Lucy voltou a virar-se para Julian, com um grande sorriso no rosto.

— Oh, céus, não! Embora estejamos aqui pelo mesmo motivo que o senhor. Para falar com a Penelope.

Cass permaneceu em silêncio e imóvel ao lado de Lucy, mas a sua mente chiava: *O que está a Lucy a fazer?* Porque é que não a apresentou? Era francamente estranho.

— Por favor, sente-se, Capitão Swift. — Lucy fez um gesto para a cadeira em frente delas.

Julian sentou-se relutantemente, embora o seu olhar permanecesse em Cass, claramente perguntando-se qual seria a identidade da outra ocupante da sala.

— Toma chá, Capitão? — perguntou Lucy na voz mais serena do mundo, como se não estivesse a receber um homem na sala de estar de outra pessoa com uma dama sem nome ao seu lado.

Cass queria desaparecer, de tão embaraçada, mas Lucy manteve o sorriso perfeito de anfitriã no rosto.

— Não, obrigado. Não bebo chá — respondeu Julian.

Cass olhou para o colo e compôs as luvas. Oh, céus! Ele ia ver a chávina na tapete e questionar-se sobre o que teria acontecido. Depois iria juntar as peças e perceberia o esquema idiota. Pronto, talvez *isso* fosse improvável.

Julian fixou o sobrolho franzido em Lucy.

— A menina Monroe... A Penelope... está em casa?

Lucy suspirou.

— Temo que não, Capitão Swift. Embora a minha amiga e eu também tivéssemos vindo à procura dela. Parece que viemos numa altura inoportuna.

Cass manteve o olhar cravado no colo. A sua *amiga*? Era só isso que Lucy ia dizer?

— Não compreendo — respondeu Julian. — O mordomo disse que...

Lucy inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Cá entre nós, Capitão Swift, o mordomo dos Monroes anda com um parafuso a menos de há uns tempos para cá.

Cass ergueu os olhos e viu Lucy de cara séria, a abanar a cabeça, como se fosse uma notícia triste, sem dúvida.

— Oh, compreendo — respondeu Julian, assentindo com a cabeça, como se tivesse percebido perfeitamente.

Cass mordeu o interior da bochecha. Lucy estava a ser clamorosa. Quanto tempo conseguiria Cass permanecer em silêncio?

— Enviei uma mensagem à Penelope esta manhã dizendo que a viria visitar esta tarde. Suponho que não a recebeu — continuou Julian, com uma expressão de evidente decepção.

Cass quis estender o braço e apertar-lhe a mão, passar a ponta dos dedos pela saliência forte do queixo dele. Devia dizer qualquer coisa, deixar escapar o seu nome. Porém, deliciava-se apenas a ouvi-lo, a olhar para o seu rosto adorável, aliviada por ter a oportunidade de o contemplar novamente.

Lucy chegou-se à frente na cadeira e deitou um pouco mais de chá na sua chávena.

— Parece que trocámos os dias e a menina Monroe já partiu — disse a Julian.

Cass respirou fundo outra vez. Era óbvio que Lucy ia entrar no esquema insensato de Pen. Ia mesmo fazê-lo, dizer a Julian que Pen estava numa festa em casa da sua amiga fictícia. Tudo isto era absurdo.

— Já partiu? — As sobrancelhas lustrosas de Julian franziram-se.

— Sim, e o curioso é que está a caminho do mesmo sítio para onde nós vamos — disse Lucy, bebendo um pequeno gole de chá.

— E que sítio é, ao certo? — perguntou Julian.

— Ora, a festa da menina Bunbury, claro — respondeu Lucy.

— A festa da menina Bunbury? — perguntou Julian.

— Sim. A Patience Bunbury. Uma das melhores amigas da Penelope. Ela não lhe falou dela nas cartas?

— Eu... — Julian pigarreou e mexeu-se com desconforto na cadeira. — A menina Monroe raramente me escreve.

As sobrancelhas de Lucy ergueram-se imediatamente.

— Raramente lhe escreve? Oh, então devo estar enganada quanto à sua identidade, Capitão. Tinha a impressão de que o senhor e a Penelope estavam praticamente noivos. — Lucy virou a cara para que só Cass a pudesse ver e piscou-lhe o olho rapidamente.

Cass teve vontade de dar uma valente pisadela no pé de Lucy, mas naquele momento a única coisa que podia fazer era sorrir e assentir com a cabeça. Não tinha autorização para falar, uma vez que ainda não tinha sido apresentada. Sem dúvida, tal como Lucy queria que fosse.

Julian voltou a desviar o olhar e puxou pelo colarinho do casaco.

— Sim. Íamos ficar comprometidos... um dia. Mas eu ia dizer que ela efetivamente mencionou a menina Bunbury na última carta que recebi.

Lucy bebeu outro pequeno gole de chá.

— Ah, então sabe quem é. — Lucy suspirou dramaticamente. — De qualquer maneira, parece que a Penelope saiu prematuramente para a festa da menina Bunbury e, além de se desencontrar connosco, desencontrou-se com o seu futuro noivo, que regressou da guerra. Que pena!

— Disse que iam para lá. Presumo que saiba onde essa festa é — observou Julian.

— Oh, sim. Sabemos exatamente onde é — disse serenamente Lucy.

— Posso pedir-lhe o favor de me dar a morada? É imperativo que eu fale com a Penelope o mais depressa possível.

O sorriso de Lucy foi ténue.

— Ansioso por ver a sua futura noiva, Capitão Swift?

Ele puxou novamente pelo colarinho.

— Algo do género.

Cass teve de desviar o olhar. Era uma tortura. Não conseguia ouvir mais. E que possível morada lhe iria Lucy dar? Era absurdo. Teria de revelar a verdade, já que ele a tinha apanhado a mentir.

— Ficaria encantada por partilhar a morada consigo, Capitão Swift. — Lucy pousou a chávena de chá sobre a mesa e cruzou os braços no colo. — De facto, posso fazer ainda melhor do que isso.

— Melhor do que dar-me a morada? — perguntou Julian, inclinando a cabeça inquisitivamente.

Cass sentiu um arrepio na espinha. De repente, fez-se luz. O olhar matreiro de Lucy, o facto de não a apresentar, as perguntas que tinha feito a Julian, as coisas que tinha dito.

— Sim. — Lucy virou-se para Cass e abriu as mãos em frente dela, como se a estivesse a revelar pela primeira vez. — Porque esta é a menina Patience Bunbury, e ficaríamos encantadas por o convidar para a festa.

CAPÍTULO TRÊS



Assim que a porta da frente se fechou atrás de Julian, Cass forçou-se a contar até 50. Assegurou-se de que ele tinha mesmo saído da propriedade antes de dar um salto, rodopiar e cair em cima da melhor amiga.

— Lucy, como foste capaz? Como foste capaz?!

Lucy permaneceu serenamente sentada e levou calmamente as mãos ao toucado, como se estivesse a alisar os caracóis escuros.

— Cass, se te sentares e pensares nisto racionalmente, verás...

Cass virou-se e começou a andar de um lado para o outro em frente da lareira. Pressionou as faces com as mãos.

— Racionalmente? Racionalmente?! Acredito que a razão saiu desta sala há mais de uma hora, por volta da altura em que a Pen começou a dizer disparates sobre uma pessoa que *não existe!*

Lucy limitou-se a erguer uma sobrancelha.

— Senta-te, Cass. Deixa-me explicar-te.

Contudo, Cass não conseguia permanecer sentada. Só conseguia andar para trás e para a frente sobre a tapete e compor as luvas. Como é que iria sair daquela situação? Julian não tinha dito aonde ia, mas parecia-lhe lógico que fosse visitar o irmão mais velho, o Conde de Swifdon, em Mayfair. Iria provavelmente ficar com o irmão até ter o seu próprio alojamento. Ou isso ou...

— Lucy, paraste sequer para pensar que o Julian pode estar a caminho para visitar o melhor amigo, *o teu marido?*

Lucy, ergueu o queixo.

— Claro que pensei nisso.

— E mesmo assim foste avante com isto?

Lucy anuiu com a cabeça.

— Sim. Foi precisamente por isso que não lhe disse o meu verdadeiro nome. Pensei nisso e em várias outras coisas, e, se te sentares e ficares calma um momento, dir-te-ei exatamente como tudo se irá passar.

Cass agitou as mãos no ar.

— Não vai correr bem! Não vai correr bem!

Lucy levantou-se, dirigiu-se para onde Cass andava para trás e para diante, agarrou-lhe o braço e arrastou-a de volta para o sofá.

— Senta-te!

Cass fez o que ela lhe disse e depois enfiou a cabeça entre as mãos.

— Muito bem, diz-me. Fala-me desse teu esquema tortuoso.

— Antes de mais, quero contestar o facto de te teres referido ao meu plano brilhante como um esquema tortuoso. — Cass ergueu a cabeça e abriu a boca para retorquir, mas Lucy levantou um dedo. — Deixa-me acabar. — Cass fechou a boca imediatamente. — E, em segundo lugar — continuou Lucy —, vai resultar na perfeição.

— Acabas de convidar o Julian para uma festa fictícia, dada por uma pessoa que não existe — observou Cass.

— Que não existia, mas agora já existe. — Lucy fez um floreio com a mão na direção dela. — Tu és a Patience.

Um estranho som de asfixia saiu do fundo da garganta de Cass.

— Isso é tão louco que nem sei por onde começar.

Lucy pegou novamente na chávena de chá.

— Não vês, Cass? Esta é a oportunidade perfeita. Há sete anos que esperavas voltar a ver o Julian. Escreveste-lhe uma carta dizendo-lhe o quanto o amavas, por amor de Deus.

— Uma carta que não cheguei a enviar — corrigiu Cass.

— A questão não é essa. Ama-lo ou não?

Cass respirou fundo. É verdade que quando ouvira dizer que Julian ia morrer, devido aos seus ferimentos, ela lhe escrevera uma carta. Lucy, com a sua insistência dominadora, havia-a convencido a fazê-lo. Porém, Cass nunca conseguira pôr a carta no correio e agora estava bastante satisfeita por não o ter feito. Porque

é que Julian não a tinha reconhecido? Estava assim tão diferente passados sete anos? Se a tivesse reconhecido, Cass não estaria agora metida nestes apuros.

Não respondeu a Lucy. Não precisava de o fazer. Lucy sabia o quanto Cass amava Julian. Não era segredo. Amava-o desde pequena.



— Penelope, a carruagem do Lorde Julian está a chegar. Tens de ir esperá-lo.

A voz da mãe de Penelope ecoava na casa. Estavam no solar dos pais de Cass, que fazia 16 anos naquele dia. A prima e a tia tinham vindo à sua festa de aniversário. Julian Swift, o prometido de Penelope, ia partir dentro de pouco tempo para o Continente com o exército. Decidira ir à festa para se despedir de Penelope.

Cass sentiu-se invadida por um súbito nervosismo. Julian? Julian Swift? Aqui? Na sua festa dos 16 anos? Era um sonho tornado realidade. Nunca teria pensado em convidá-lo, nunca teria imaginado que ele viesse. Contudo, pelos vistos, ele não podia adiar mais a viagem e queria despedir-se da sua prometida antes de partir e regressar só Deus sabia quando. Talvez nunca. Cass, porém, recusava-se a pensar nisso. Pelo menos naquele dia.

Correu para o espelho que estava pendurado na parede dos seus aposentos e olhou para a sua imagem refletida. Os olhos eram demasiado grandes para o seu rosto miúdo e pálido. O cabelo era escorrido, sem vida e de uma cor indefinida. Os lábios demasiado largos, o nariz demasiado pequeno. Aquelas sardas todas não ajudavam nada. Era horrível, uma horrível rapariga de 16 anos. Talvez viesse a ser bela um dia, mas esse dia ainda não chegara. Por enquanto era demasiado magra, demasiado esquelética, demasiado tudo. Demasiado nervosa, também. Não se podia esquecer de que estava demasiado nervosa. A única coisa boa era o vestido. Era azul-claro. Fazia-lhe sobressair a cor dos olhos, sem que a pele parecesse demasiado pálida. A mãe mandara fazer o vestido especificamente para a festa de aniversário. Ficava-lhe bem. Bom, dentro do possível, tendo em conta o resto do cenário.

— Tenho de falar com ele, mãe? — perguntou Penelope, naquilo que só podia ser descrito como um tom petulante.

Cass virou-se para olhar para a prima. A única coisa que conseguia fazer era pestanejar.

— Não queres ver o Tenente Swift? — Para ela, não fazia sentido. Como poderia a prima não querer ver o seu prometido?

— Ele nem sequer é tenente — retorquiu Pen. — É um segundo-tenente que acaba de ser promovido.

Cass não via que importância isso tinha.

— Mas ele é... ele é... o teu prometido.

Para não dizer que era bonito, amável, forte, sincero e absolutamente maravilhoso. Sempre que Cass estivera na sua companhia, havia ficado completamente hipnotizada por ele. Pen era uma jovem cheia de sorte.

— Não é nada — retorquiu Pen, atravessando a tapete grossa e mirando-se no espelho que Cass acabara de usar. — Ainda não é o meu prometido. Nada está decidido definitivamente.

A mãe de Pen pousou as mãos nas ancas.

— Até poderia ser cadete. Um dia vai ser teu marido e fez todo este caminho para se despedir de ti antes de se ir embora. Vais ter a delicadeza de falar com ele.

Pen revirou os olhos e prendeu um grande caracol gordo atrás da orelha.

— Se insiste, mãe.

— Insisto, pois. Agora vou cumprimentá-lo. E tu vais fazer o favor de descer para o salão rosa dentro de dez minutos, minha menina.

A mãe de Pen saiu do aposento, lançando um olhar severo à filha.

— Quem me dera que ela não estivesse tão obcecada com o meu casamento com o Julian — disse Penelope depois de a mãe sair. — Tanto quanto sei, vai estar fora cinco anos. Cinco anos! Consegues imaginar?

Cass abanou a cabeça. Em parte porque não conseguia, de facto, imaginar que Julian fosse ficar fora tanto tempo e em parte porque a ideia lhe trazia lágrimas aos olhos, e estava já a lutar desesperadamente para que não comesçassem a escorrer.

— Não — murmurou. — Não consigo.

— Pode até nem voltar — observou Pen.

Cass só conseguia assentir com a cabeça, mas as palavras da prima doíam-lhe.

— Posso nunca voltar a vê-lo — acrescentou Pen.

Cass voltou a dirigir-se para o espelho, em silêncio, e pegou na mão da prima.

— É por isso que tens medo de falar com ele, Pen? Tens medo de te aproximar? Porque ele pode... m... morrer. — Fechou os olhos perante esta última palavra. Impensável! Impensável!

— Não — respondeu Pen, tirando a mão da de Cass. — Só não suporto pensar em ficar velha e feia à espera de um homem que pode não voltar. É completamente injusto, não achas?

Pen não se apercebia decerto de quão duras soavam as suas palavras. De certeza que não era bem isso que sentia.

— Lamento, Pen — disse Cass simplesmente. — Deve ser difícil para ti.

— Não fazes ideia — respondeu Pen. — Eu também lamento. Lamento que os meus pais tenham escolhido um segundo filho com um alvo nas costas para ser o meu noivo. Sei que não sou o melhor partido, mas podiam com certeza ter encontrado alguém que não estivesse prestes a andar de um lado para o outro pela Europa fora. Só querem este casamento para ficarem ligados ao nome Swifdon.

Cass não podia discordar da prima. Era verdade que os Swifdons eram uma família ilustre. Porém, como podia Pen não querer Julian? O alto, bonito e gentil Julian? Cass era apaixonada por ele desde o dia em que o vira pela primeira vez.

— O que vais fazer, Pen? — Cass alisou as saias.

— O que posso fazer? — perguntou Pen com um suspiro. — Vou ter de ir falar com ele. Despedir-me. — Naquele momento, os olhos de Pen iluminaram-se. — Faz-me um favor, Cass. Salva-me dentro de cinco minutos.

Cass pestanejou rapidamente.

— Salvar-te?

— Sim. Desce ao salão rosa e interrompe-nos. Diz que a festa vai começar ou algo do género. Qualquer coisa. Não suporto ficar ali

e aguentar uma conversa desajeitada com o Tenente Swift durante sabe-se lá quanto tempo.

Cass abanou a cabeça. Não se imaginava a não querer desfrutar do que podiam ser os seus últimos momentos com Julian.

— Oh, não! Não posso...

— Claro que podes. Faz isso, por favor. Por mim? — Pen apertou o ombro de Cass e saiu rapidamente do aposento. — Obrigada, Cass. És um amor — disse ao sair, como se Cass tivesse concordado.

A tremer, Cass virou-se lentamente e deu outra olhadela ao espelho. Tinha ficado branca como um fantasma, ainda mais branca do que antes, se é que tal era possível. Talvez ficasse translúcida a seguir. Translúcida com sardas — que linda combinação! Suspirou. O que havia de fazer? Pen estava à espera de que ela interrompesse os seus últimos momentos em privado com o seu futuro marido. Andou de um lado para o outro em frente do espelho, ponderando a questão por momentos. Havia, de facto, algo bom a considerar.

Se o fizesse, acabaria por ficar sozinha com Julian. Possivelmente.

Muito bem, iria fazê-lo. Afinal, era o seu aniversário, não era? Que melhor prenda de aniversário podia pedir do que um momento roubado com o homem que amava?

Cass esperou os intermináveis cinco minutos antes de se dirigir cuidadosamente para o salão rosa. A porta estava fechada. Mordeu o lábio. Tinha a certeza de que ia interromper qualquer coisa. Depois lembrou-se de que o objetivo era precisamente esse.

Olhou para baixo, para o seu bonito vestido, e sentiu-se um pouco mais confiante. Endireitou os ombros e bateu à porta.

— Entre! — soou a voz excessivamente ansiosa de Penelope.

Cass empurrou a porta, abriu-a e entrou timidamente na sala. Lá estava Pen, sentada num sofá, no centro da sala. Julian estava em frente dela, de costas para a lareira, as mãos cruzadas atrás das costas. Estava de uniforme, e vê-lo assim vestido era deslumbrante, mas também trouxe lágrimas aos olhos de Cass. Parecia tão bonito, tão nobre e... Julian era oficial no exército de Sua Majestade. Dentro de poucos dias estaria em perigo.

— Diz, Cass? O que é? Estás bem?

Pen pôs-se de pé e Cass teve a clara impressão de que a prima teria saído da sala a correr se não estivesse à espera de que ela enunciasse a razão para tal. Ficou a olhar para Cass com a esperança a transbordar-lhe dos olhos escuros.

— Boa tarde, Lady Cassandra — disse Julian, curvando-se perante ela.

Cass tentou controlar o súbito rubor e devolveu-lhe a vénia.

— Tenente Swift. Que bom voltar a vê-lo.

— O que foi, Cass? — perguntou Pen, com uma nota de petulância de regresso à voz.

— Eu... Hum... A mãe queria falar contigo, Pen — murmurou Cass. Para desculpa, era particularmente fraca, mas Cass tinha estado preocupada com a possibilidade iminente de ver Julian e não passara um único segundo dos últimos cinco minutos a planear o que diria para tirar a prima da sala.

Contudo, Penelope não precisava, obviamente, de melhor desculpa do que aquela.

— Oh, céus! Tenho de ir ver o que quer. Tenha cuidado, Tenente Swift. Boa viagem.

Julian estendeu-lhe a mão.

— Penelope, espere...

Ela desapareceu da sala sem sequer olhar para trás, deixando Cass sozinha com o Tenente Swift, de ar abatido. Sentia-se um pouco embaraçada com o comportamento da prima.

— Eu... Desculpe — disse ela, não sabendo bem o que lhe dizer.

Ele ficou a olhar para o lugar vazio que Penelope havia ocupado, com uma expressão desgostosa no rosto.

— Ia pedir à Penelope que me escrevesse.

Cass colocou uma mão sobre a barriga, tentando acalmar o nervosismo.

— A Pen não é muito de escrever. Raramente me responde às cartas que lhe envio quando estou na província.

— Não me pareceu muito entusiasmada com... Ainda assim, seria bom receber uma carta de vez em quando.

— Eu escrevo-lhe.

As palavras voaram da boca de Cass antes de ter tempo de as analisar. Quase levou a mão à boca perante a impertinência.

Ele virou-se para ela com um pouco de esperança nos olhos cinzentos.

— Faria isso?

Ela ergueu a cabeça para olhar para ele. Era tão alto. Tão alto e...

— Sim. Eu adoro escrever.

— Ai, sim?

— Sim. Posso contar-lhe o que a Pen anda a fazer e, assim, mantê-lo informado — disponibilizou-se ela.

Ele sorriu-lhe, exibindo os dentes brancos e fazendo com que Cass sentisse um aperto no estômago.

— Gostaria muito, Lady Cassandra.

Cass corou e desviou o olhar. Teria sido demasiado atrevido da sua parte oferecer-se para escrever ao prometido da prima? Ficaria a sua mãe zangada? E a Pen? E a tia? Cass tentou sentir-se envergonhada, mas a única coisa que sentia, de facto, era uma felicidade avassaladora. Alegria. Sorria como uma pateta. Iria ficar ligada a Julian enquanto ele estivesse fora. Poderiam até trocar palavras banais, mas já seria alguma coisa, melhor do que nada, melhor do que esperar para ouvir alguma informação solta da prima de vez em quando. Sim, era simplesmente perfeito.

— Obrigado — disse finalmente Julian, e Cass atreveu-se a olhá-lo nos olhos.

— Ora essa, Tenente Swift — respondeu ela, enterrando a ponta do chinelo na tapete grossa.

Julian passou a mão pelo cabelo e apontou para a porta.

— Suponho que vai querer voltar para a festa.

— É o meu aniversário.

Cass olhou também para a porta. Hesitou. Não podia confessar-lhe que preferiria passar todo o dia a sós com ele ali, simplesmente a admirá-lo, em vez de voltar para a festa. Isso seria perfeitamente inadequado, não seria? Quase se riu alto com o seu próprio pensamento.

— Feliz aniversário, Lady Cassandra — disse ele. — Devo admitir que não tenho um presente para si. Por favor, aceite as minhas desculpas.

Ela sorriu-lhe.

— Não precisa de pedir desculpa, Tenente.

Cass virou-se para a porta e deu um passo nessa direção. *A menos que...* Uma voz impediu-a de avançar, uma voz clara e inegável. A voz de um diabrete, um diabrete que não havia antes manifestado a sua presença. Contudo, era agora inegável, e estava ali, empoleirado no ombro dela, sussurrando-lhe ao ouvido. Nunca fora tão ousada, nunca lhe tinha passado sequer pela cabeça sê-lo. Porém, sem perceber bem como, o diabrete espicaçava-a com a sua pequena forquilha em brasa e ela virou-se para Julian.

— A menos que... — murmurou o que o diabrete lhe havia sussurrado ao ouvido.

As sobrancelhas de Julian ergueram-se.

— A menos que?

— Talvez haja uma coisa que me possa dar pelos meus anos.

Ele franziu o sobrolho.

— Sim?

Era como se ela já não estivesse dentro do seu próprio corpo. Parecia flutuar por cima dele, perto do teto da sala de estar, olhando para baixo, para a arrojadada rapariguinha de 16 anos, loira e sardenta, que nunca antes havia visto. A mesma rapariguinha que se aproximou do Tenente Swift, olhou para o seu rosto lindo de morrer e disse:

— Podia dar-me o meu primeiro beijo.

Se o Tenente Swift ficou chocado ou horrorizado com o seu pedido, não o demonstrou, nem por palavras nem por atos. Em vez disso, deixou cair as mãos e expirou longamente.

— Nunca foi beijada?

Cass abanou a cabeça.

— Não.

— Pois, suponho que não, tendo em conta a sua idade.

Cass fechou prontamente os olhos, fazendo um biquinho com os lábios e levantando o queixo em direção à boca dele.

O toque teve a leveza de uma pena. Não eram, porém, os lábios dele nos dela. Eram as costas da mão dele na sua face. Roçou-lhe suavemente a pele. Estava tão próximo dela que Cass conseguia

sentir o cheiro do uniforme de lã, o leve aroma do seu sabonete, o toque a especiarias da sua água-de-colônia. Um cheiro que haveria de acarinhar e recordar durante anos. Mesmo assim, ficou naquela posição, com os lábios a formar um biquinho, esperando e esperando por um beijo que não ocorreu.

Em vez disso, o varrer suave dos dedos dele no rosto dela tornou-se uma aragem perto da sua orelha. Prendeu-lhe um suave caracol atrás da orelha. Cass abriu os olhos, pestanejando. Não compreendia. Ele não a ia beijar?

— Feliz aniversário, Lady Cassandra.

Inclinou-se para a frente e o roçar quente dos seus lábios na testa dela quase lhe chamuscou as pestanas. Não voltaria a lavar a testa. Pronto, talvez estivesse a exagerar um pouco. Estaria?

— Fico à espera das suas cartas — disse ele suavemente.

Depois, deu meia-volta e saiu da sala, com o bater agudo das botas contra o piso de mármore a ressoar na alma de Cass.



Cass nunca se esquecerá daquele momento. Inicialmente, a recusa em beijar-lhe os lábios tinha doído, mas com o tempo ela percebeu que ele não poderia ter feito outra coisa. Teria sido totalmente inadequado e pouco cavalheiresco beijar a prima de 16 anos da sua futura esposa, mesmo que fosse um pedido de aniversário. E, honestamente, o beijo na testa tinha sido o suficiente para alimentar a paixão de Cass nos últimos sete anos.

A voz de Lucy penetrou nas recordações de Cass.

— Não costumávamos falar sobre quanto gostarias de que o Capitão Swift voltasse a salvo da guerra e de ter uma oportunidade com ele? Não estás a perceber? Estou a dar-te essa oportunidade.

Cass recostou a cabeça nas costas do sofá e gemeu.

— *Gostava*, mas nunca esperei que se viesse a concretizar. O Julian e a Pen estão praticamente noivos desde crianças. Os pais decidiram o casamento há anos. Só estavam à espera de que o Julian regressasse para fazerem o anúncio oficial. Uma *oportunidade* com ele é impossível.

— Com esses pensamentos, é — continuou Lucy, absolutamente inabalável. — Além disso, sempre soubemos que a Pen não é propriamente apaixonada pelo homem. Afinal, acaba de fugir dele. Não é, de todo, o comportamento de uma futura noiva enamorada.

— Isso é irrelevante. Simplesmente não está certo que eu... — Cass esfregou a têmpora com a mão. A dor de cabeça voltara, e desta vez era ainda mais forte.

— Que tu o quê? Estejas apaixonada por ele? Não podes fazer nada quanto a isso, querida.

Lucy sorriu e deu uma palmadinha na mão de Cass com a que tinha livre.

Cass deixou descair os ombros e suspirou.

— Oh, Lucy. Tu sabes que eu nunca faria nada para magoar a Pen ou o Julian. Tenho de ir ter com ele e contar-lhe a verdade imediatamente, antes que isto vá mais longe e fique fora do controlo. Eu...

Lucy pousou a chávena de chá e virou-se para Cass. Pôs ambas as mãos na cintura.

— Ninguém se vai magoar. Não passa de uma brincadeira. Vamos fazer a festa na casa de campo dos meus pais. Eles foram passar o outono à Escócia. Os criados adoram-me e vão entrar na brincadeira. Vou explicar-lhes tudo.

Cass abanou a cabeça, pressionando as têmporas com a ponta dos dedos.

— Não. É uma loucura. Uma completa loucura.

— Porquê? O que pode correr mal? — perguntou Lucy, com uma expressão de pura inocência no rosto.

A boca de Cass abriu-se.

— O que pode...? O facto de fazeres essa pergunta prova que és perfeitamente lunática. É o teu marido?

O sorriso de Lucy alargou-se.

— O Derek parte para o Continente em breve. Vai estar fora pelo menos duas semanas. É o momento perfeito. Não saberá de nada.

— Muito bem. E os meus pais? — continuou Cass.

— Vamos dizer aos teus pais que estás na festa da menina Bunbury. Acompanhada por mim, claro — explicou Lucy com um sorriso impenitente.

Cass apertou ainda mais o braço do sofá. Lucy tinha resposta para absolutamente tudo. Lucy tinha sempre uma resposta. O pior era que, bem lá no fundo, Cass estava mesmo a começar a considerar a possibilidade. Uma brincadeira, dissera Lucy. Ninguém se iria magoar, garantira ela. Seria mesmo possível?

Cass concentrou-se em respirar, respirar e pensar. Era como se o diabrete estivesse de volta, empoleirado no seu ombro, a sussurrar: «Vá, Cass. Diz que sim!» Enquanto um anjo estava no outro, a sussurrar: «Não acredito que estejas sequer a ponderar essa possibilidade, minha menina.» Cass enterrou a cara nas mãos. Porque estaria a tornar-se cada vez mais difícil encontrar razões para dizer que não?

— Os meus pais ainda não te perdoaram, Lucy — lembrou ela sem convicção.

Lucy encolheu os ombros.

— Podem não me ter perdoado, mas gostam muito que eu seja duquesa e que te possa apresentar a cavalheiros que sejam um bom partido.

Lucy deixou-a sem argumentos. Os pais de Cass ainda se sentiam desolados pelo facto de Cass ter deixado escapar um duque, mas tranquilizava-os um pouco saber que a nova duquesa era a melhor amiga de Cass. Esperavam que a aliança a ajudasse a conseguir um bom casamento. Ainda assim, Cass não podia deixar Lucy confundir as coisas.

— Está bem. Mas e o facto de teres acabado de dizer ao Julian que a Pen iria estar na festa? Esperas que a Pen vá à festa se souber que o Julian lá está e alinhe na farsa? Ela inventou a Patience para o evitar.

— Claro que não espero que a Penelope vá à festa — disse Lucy, revirando os olhos. — Isso iria estragar tudo.

Cass abriu uma mão no ar.

— Então, porque é que disseste ao Julian que ela estaria lá?

Agora era Lucy que lhe estava a lançar aquele olhar de estou-a-falar-com-uma-imbecil.

— Para que ele fosse à festa, claro.

Cass abanou a cabeça.

— Não faz sentido.

— Faz todo o sentido. Vamos dizer-lhe que a Pen foi assaltada no caminho ou que teve de voltar para trás porque se esqueceu de qualquer coisa. Sei lá... Hei de pensar em alguma coisa.

— É esse o teu plano? Estás a brincar?

— Sim, é o meu plano. E não, não estou a brincar. Francamente, Cass, estás a agir como se nunca tivéssemos feito nada disto antes.

Cass gemeu. Sim, lembrava-se muito bem.

— Se te referes ao teu estrategemazinho atrás dos arbustos no verão passado, posso recordar-te que não resultou?

Claro que Lucy estava a falar do incidente nos arbustos. Quando o Duque de Claringdon regressou da guerra, em junho, interessou-se imediatamente por Cass. Alarmada, esta pediu à sua amiga despudorada que fosse a sua voz e que a ajudasse a desencorajar o duque. O incidente acabou com Lucy escondida atrás de uma sebe, num jardim, a sugerir a Cass o que dizer numa tentativa de o desanimar. Mais tarde, Lucy escondeu-se numa varanda, fingindo ser Cass e, bem, o comportamento reprovável continuou por um bom bocado até tudo terminar com a conclusão óbvia de que Lucy era, afinal, o par perfeito para o duque.

Lucy, contudo, permaneceu imperturbável, como sempre.

— Sim, mas no fim tudo acabou bem, querida, e é isso que importa. Sê corajosa!

Lá estavam elas, as duas palavras preferidas de Lucy. Cass sabia que a amiga iria acabar por dizê-las. Lucy usava o «sê corajosa» como argumento para tudo o que não devia fazer. De facto, aquela máxima já as metera em grandes alhadas. Cass suspirou. Sim, coragem significava traquinice. Embora, na realidade, Cass não pudesse negar que a amiga estava agora casada, feliz e loucamente apaixonada pelo seu marido duque em virtude de ser bastante corajosa.

Cass voltou a pôr as mãos nas ancas.

— Em que é que achas que vai dar ao certo este teu esquemazinho, Lucy? Qual esperas que seja o resultado final?

Lucy sorriu.

— Quem é que está a ser ridícula agora, Cass? Ora, espero que o Julian se apaixone loucamente por ti, como é óbvio.

Cass fechou os olhos e beliscou a cana do nariz.

— Mesmo que isso viesse a acontecer, estás a esquecer-te de que se apaixonaria pela Patience, e não por mim?

Lucy assentiu com a cabeça.

— Sim, a Patience, em quem está já muito interessado.

Cass lançou-lhe um olhar que indicava que, obviamente, a duquesa havia perdido o juízo.

— Como assim? Ele só esteve na minha companhia apenas alguns minutos.

Lucy cruzou os braços e tamborilou os dedos nos cotovelos.

— Há uma coisa que não percebeste, minha amiga. Eu vi a maneira como o Capitão Swift olhou para ti quando entrou na sala e a maneira como o semblante descaiu quando percebeu que não eras a Pen. Foi nesse momento que tomei a minha decisão. Mas primeiro tive de me certificar de que ele não te reconhecia, claro. Estou a dizer-te, Cass: ele já está meio apaixonado por ti.

Cass mordeu o lábio, olhando para o padrão da carpete.

— Seria bom estar com ele, dançarmos e fazer de conta durante algum tempo. Só durante um dia ou dois.

O sorriso de Lucy tronou-se ainda mais rasgado.

— É assim mesmo!

— Mas e se...?

— Oh, Cass. Não te preocupes tanto. Sempre te preocupaste em demasia.

Cass franziu o nariz.

— Na verdade, é curioso que digas isso, porque eu acho que tu não te preocupas o suficiente.

— Disparate. Além disso, tu preocupas-te pelas duas. Vamos dar esta festa e tu vais fingir que és a Patience. No fim, tudo vai dar certo. Vais ver. Sê corajosa.

Cass gemeu.

Uma história de amor encantadora, inteligente e espirituosa.



Lady Cassandra Monroe esperou sete longos anos por que o homem dos seus sonhos, o Capitão Julian Swift, voltasse da guerra. Escreveu-lhe durante todo o tempo em que ele esteve fora e agora, por fim, ele regressou. Infelizmente, Julian está comprometido com Penelope, prima de Cassandra...

Julian regressa com a intenção de romper o seu compromisso com Penelope e procurar Cassandra, mas esta não o sabe, julgando que Julian nunca poderá ser seu. É então que a sua amiga Lucy tem a ideia de apresentar Cassandra a Julian como Patience Bunbury, de modo a aproximá-los.

Patience não existe, é apenas uma amiga que Penelope inventou para escapar a obrigações sociais. Só que Julian fica encantado com esta bela e sensual dama, não percebendo que se trata, na verdade, da mulher que realmente ama.

Poderá uma grande farsa conduzir ao verdadeiro amor?

«Uma homenagem divertida e animada à peça *A Importância de Ser Ernesto*, de Oscar Wilde. Bowman é uma autora a seguir.»

Kirkus Reviews

Leia também:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-28-9  9 789898 8869289 Ficção Romântica
------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------